

# **ESTUDANTES EM TRANSIÇÃO: A DISPUTA PELAS AGENDAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA PUC-RIO NO SÉCULO XXI**

**Aluno: Miguel Alexandre da Costa Azaldegui**

**Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves**

## **Introdução**

O Movimento Estudantil tem uma tradição histórica de engajamento e intervenção nas questões nacionais, transbordando as suas funções originárias de instrumento de reivindicação dos alunos no âmbito da educação, mais especificamente. Entretanto, as transformações das conjunturas e relações sociais no século XX, trouxeram novos desafios e dilemas para o movimento, que se tornou palco de uma disputa mais profunda para definir sua agenda de reivindicações e meios para articulá-las, inseridos nas questões identitárias e de desgaste dos instrumentos clássicos de representação política.

Para entender essa “nova sociabilidade militante” [1], recuperei as raízes históricas políticas do movimento, com especial enfoque na União Nacional dos Estudantes, por ter sido e ainda ser a principal instituição de representação da luta estudantil. Pesquisei desde o período democrático de 1945 a 1964, passei pela ação durante a ditadura civil-militar, a redemocratização, os ajustes fiscais e a estabilização econômica dos anos 1990 e com mais atenção ao período atual, após a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002.

Há um processo de desgaste e esvaziamento das instituições tradicionais do movimento estudantil na atualidade, que trazem consigo o questionamento do porque desse suposto desinteresse do corpo universitário, quais mudanças afetaram a legitimidade dessas entidades e como os estudantes estão se mobilizando fora dos canais clássicos de luta política.

## **Objetivos**

O objetivo deste trabalho é identificar e entender essas novas dinâmicas do movimento estudantil e as suas causas históricas, fazendo um movimento de análise que parte do mais geral para o caso específico da PUC-Rio. Para isso, é necessário um primeiro entendimento das lutas e ideais tradicionais, sua relação com o contexto de cada época e a transformação destas com a chegada de variáveis como a globalização, a relativa democratização do ensino superior, das redes sociais e da ascensão e afirmação dos debates de identidade, que divide a pesquisa nos seguintes objetivos:

- 1) Recuperar e analisar as bandeiras históricas de luta do movimento estudantil a partir do anos 1960, e a sua relação com o contexto político e o perfil dos alunos universitários;
- 2) Entender as mudanças e a ampliação dos canais de luta estudantil que se dão a partir dos anos 1990;
- 3) Utilizar a PUC-Rio como objeto de pesquisa para relacionar o impacto dessas “novas sociabilidades militantes” [2], como proposto por Marcos Ribeiro Mesquita, sobre as

instituições tradicionais de representação estudantil, as disputas internas decorrentes disso e que horizontes ou retrocessos podem ocorrer com essas mudanças.

### **Metodologia**

Este trabalho se estrutura num movimento que vem da análise e entendimento do passado do movimento estudantil e suas tradições consolidadas tanto na concretude, quanto no imaginário social. Para isso baseei-me na leitura dos livros “Poder Jovem” de Arthur Poerner [3] e “Memórias Estudantis” de Maria Paula Nascimento Araújo [4] e nas entrevistas com membros do movimento nas décadas de 1970 e de 1980; passando pela análise feita por Marcos Ribeiro Mesquita sobre as novas sociabilidades militantes que se caracterizam a partir dos anos noventa e se aprofundam no século XXI [5], até o foco contemporâneo, que se apoiará nas entrevistas com lideranças e membros dos diferentes canais de luta estudantil e no acervo de portais digitais que noticiaram as recentes disputas políticas dentro da PUC-Rio.

Entendendo que faço parte do corpo estudantil, me vejo dentro da concepção metodológica de “observação participante” analisada na obra do antropólogo Roberto DaMatta [6], já que ao incorporar meu objeto de estudo e estar cotidianamente imerso em suas dinâmicas e especificidades, proponho uma análise ampla e detalhada da realidade que procuro entender e interpretar, e da qual não posso me isolar como observador.

### **Conclusão**

No atual estágio da pesquisa, foi possível identificar uma tendência de novas demandas e formas organizativas no movimento estudantil, que são a materialização de um paradigma plural, globalizado, apartidário e de afastamento de questões nacionais, característico do Brasil do século XXI, que desafia as tradicionais correntes políticas que dirigem o movimento, e criam um espaço de disputas entre distintas concepções e imaginários do que o movimento deva ser.

Esse processo pode caracterizar ao mesmo tempo uma ampliação do escopo de atuação do movimento, com a maior representatividade da pluralidade existente em seu interior e as novas práticas que vem em conjunto, mas também a um retrocesso das conquistas históricas e a desmobilização de uma noção unificada e complementar da educação e seus estudantes com os demais setores do país, em um projeto nacional unificado.

### **Referências**

- 1 – MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais**. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, no. 66, Outubro 2003, p. 117-149.
- 2 – Idem. *Ibidem*.
- 3 – POERNER, Arthur. **O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 5. ed. ilustrada, ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
- 4 – ARAUJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.
- 5 – MESQUITA, op.cit.
- 6 - DAMATTA, Roberto. **Relativizando, Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.